



UNIVERSIDADE E MERCADO DE TRABALHO: Relação do Ensino, Pesquisa, Internacionalização e Inovação

UNIVERSITY AND THE LABOR MARKET: Relationships of Teaching, Research, Internationalization and Innovation

Paula Carolina Ferretti ⁽¹⁾

Universidade Regional de Blumenau/FURB, Blumenau-SC

Keitty Aline Wille Becker ⁽²⁾

Centro Universitário Leonardo da Vinci/ UNIASSELVI, Indaial-SC

Soraya Bachmann Sousa ⁽³⁾

Maria Jose Carvalho de Souza Domingues ⁽⁴⁾

Universidade Regional de Blumenau/FURB, Blumenau-SC

RESUMO

O elo entre instituições de ensino superior e empresas é significativo para o desenvolvimento econômico de um país. As universidades têm potencial para preparar e estimular os indivíduos para ingressarem no mercado de trabalho. O objetivo deste artigo é analisar a influência do ensino, pesquisa, inovação e internacionalização no mercado de trabalho. Para tal, utilizou-se como fonte os dados do Ranking Universitário Folha (RUF) do ano de 2017, em relação à 195 universidades. Trata-se de uma pesquisa descritiva, documental e quantitativa. Para a análise dos dados, realizou-se o modelo de regressão linear múltipla, no qual a variável dependente é o mercado de trabalho e as variáveis independentes são o ensino, a pesquisa, a inovação e a internacionalização. Os resultados indicam que as variáveis de ensino, inovação e internacionalização possuem influência em relação ao mercado de trabalho, da mesma forma, a variável de pesquisa mostrou-se influente, porém, sua relação é proporcionalmente inversa. Estes achados permitem aos gestores universitários, maior compreensão do que o mercado de trabalho espera de seus alunos, além disso, contribui empiricamente para a constatação de que a pesquisa no Brasil ainda precisa expandir em termos de ligação com o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Universidade; mercado de trabalho; ensino e pesquisa; inovação; internacionalização.

ABSTRACT

The link between higher education institutions and companies is significant for a country's economic development. Universities have the potential to prepare and encourage individuals to enter the job market. The purpose of this paper was to analyze the influence of teaching, research, innovation and internationalization in the labor market. Thus, it was used data from the 2017 Folha University Rank (RUF) for 195 universities. It is a descriptive, documentary and quantitative research. For data analysis, multiple linear regression model was performed, in which the dependent variable is the labor market and the independent variables are teaching, research, innovation and internationalization. The results indicate that the variables of education, innovation and internationalization have influence on the labor market. Likewise, the research variable influenced on the labor market, but its relation is inversely proportional. These findings provide university managers greater understanding of what the labor market expects from their students,

and further contribute empirically to the finding that research in Brazil still needs to expand in terms of connection with the labor market.

Keywords: University; job market; teaching and research; innovation; internationalization.

INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior (IES) possuem papel relevante para direcionar o estudante no desenvolvimento das capacidades e habilidades que as organizações buscam para seus futuros empregados (FRANCO; SILVA; RODRIGUES, 2019). As mudanças impostas pelo mercado de trabalho contemporâneo fazem com que as universidades busquem capacitar seus alunos para conquistar seu espaço no campo profissional (TENG et al., 2019). Os currículos acadêmicos estão sendo formulados considerando as demandas do mercado de trabalho. A universidade e o mercado de trabalho estão interligados tanto em aspectos formativos quanto em termos de função econômica (COJOCARIU; CÎRTIȚĂ-BUZOIANU; MAREȘ, 2019).

A relação entre a formação profissional e o mercado de trabalho são constatadas como essenciais para o desenvolvimento econômico (PEREIRA et al., 2016). Especificamente no Brasil, as IES são alocadas como pilares estratégicos que permitem impulsionar o desenvolvimento (FISCHER; SCHAEFFER; VONORTAS, 2019), havendo um estímulo considerável para aprimorar a formação profissional da população e incentivar seu acesso no ensino superior (PEREIRA et al., 2016).

Tratando-se da qualidade dos cursos ofertados por universidades brasileiras, existem relatórios que analisam tais questões e são disponibilizados pelo governo. É o caso do Índice Geral de Cursos (IGC), verificados pelo Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o Ministério da Educação (MEC). Há ainda, instituições privadas que oferecem este tipo de material (CALDERÓN; DA SILVA LOURENÇO, 2017). Neste estudo, os dados utilizados foram retirados de uma fonte privada, o Ranking Universitário Folha (RUF).

O RUF pertence ao jornal Folha de S. Paulo e disponibiliza dados pertinentes sobre o ensino superior no Brasil, esses dados são dispostos por meio de um ranking realizado por um grupo de mídia desde 2012. Considera-se o RUF como o primeiro ranking universitário brasileiro a possuir uma metodologia própria (RIGHETTI, 2016). Para o setor de ensino superior, os rankings são ferramentas que possibilitam as instituições, tais como as universidades, construir, manter ou melhorar seu desenvolvimento diante do contexto nacional e internacional (HAZELKORN, 2017).

Dentre os papéis desempenhados pelas universidades, cita-se o de contribuir com as empresas à medida que desenvolvem a capacidade de inovação tecnológica, capacitação de recursos humanos e realização de pesquisa e desenvolvimento (GREGOLIN, 1998; BERNI et al., 2015). As universidades preparam os indivíduos para o mercado de trabalho competitivo e globalizado (COJOCARIU, CÎRTIȚĂ-BUZOIANU, MAREȘ, 2019; FRANCO, SILVA, RODRIGUES, 2019), envolvendo as atividades internacionais que promovem compreensão intercultural (ALTBACH; KNIGHT, 2007), a geração de oportunidades tecnológicas e de inovação para o setor

privado (PEREIRA et al., 2016; FISCHER, SCHAEFFER, VONORTAS, 2019), bem como o fornecimento e estrutura de pesquisa (SEGATTO-MENDES; ROCHA, 2005).

A literatura anterior que trata da temática do ensino superior e do mercado de trabalho aponta que as organizações buscam futuros empregados que tenham conhecimento teórico (COJOCARIU; CÎRTIȚĂ-BUZOIANU; MAREȘ, 2019). Com as mudanças impostas no mundo globalizado, a internacionalização também se faz presente para aprimorar o currículo dos estudantes (ALTBACH; KNIGHT, 2007), assim como, o incentivo pelo conhecimento inovador, tecnológico e empreendedor (PEREIRA et al., 2016; FISCHER, SCHAEFFER, VONORTAS, 2019; FRANCO, SILVA, RODRIGUES, 2019).

A importância da inovação e da internacionalização tem sido um tópico discutido na literatura existente (ALTBACH, KNIGHT, 2007; PEREIRA et al., 2016; FISCHER, SCHAEFFER, VONORTAS, 2019; FRANCO, SILVA, RODRIGUES, 2019). Entretanto, apesar da discussão, parece existir uma falta de compreensão de quais pontos desenvolvidos pelas universidades são mais desejados pelos profissionais na hora da contratação, tratando-se especificamente do ensino, da pesquisa, da inovação e da internacionalização na visão de profissionais de Recursos Humanos em um mercado de trabalho disruptivo. Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar a influência do ensino, pesquisa, inovação e internacionalização no mercado de trabalho.

A contribuição teórica desta pesquisa direciona-se para a atualização de estudos que tratam das relações entre a universidade e o mercado de trabalho, especialmente no que se refere às capacidades e características

que as universidades possuem e que podem influenciar a vida profissional de seus discentes. Empiricamente o estudo agrega informações para gestores de universidades e seus alunos. Os gestores universitários poderão ampliar seus conhecimentos em relação às características esperadas pelo mercado de trabalho, possibilitando assim, auxiliar seus alunos em termos de contratação e desenvolvimento profissional. Aos alunos será possível compreender quais aspectos de sua formação estão sendo considerados pelos profissionais de Recursos Humanos, permitindo assim, a escolha por universidades alinhada a tais aspectos.

REVISÃO DA LITERATURA

Contextualiza-se nesta seção, os tópicos que contribuirão para a construção do entendimento dos indicadores utilizados neste estudo. Assim, destacam-se o ensino superior no Brasil, o Ranking Universitário Folha (RUF) e o mercado de trabalho.

O ensino superior no Brasil

A educação superior no Brasil integra um sistema complexo de instituições públicas e privadas que oferecem diferentes tipos de cursos de diversos níveis de ensino, desde a graduação até a pós-graduação lato e stricto sensu. Além dos princípios gerais estabelecidos na Constituição Federal de 1988, o sistema educativo brasileiro conta com a Lei de Diretrizes e Bases Nacional (Lei nº 9.394/96), que criou o Conselho Nacional de Educação, além de vários outros Decretos, Portarias e Resoluções (NEVES, 2002). As IES brasileiras estão divididas em três categorias, sendo estas: universidades, centros universitários e faculdades. O foco deste estudo direcionou-se para universidades, sendo assim, cabe aqui explicá-las. As universidades são instituições

que têm como função realizar simultaneamente ensino, pesquisa e extensão. Devem ter pelo menos um terço do seu corpo docente com mestrado ou doutorado e um terço de seus docentes devem trabalhar em regime integral (NEVES, 2002). No Brasil, o ensino superior agrega atividades de ensino, pesquisa e extensão, no qual forma-se o tripé que configura as atividades desenvolvidas nas universidades (RIGHETTI, 2016).

Algumas iniciativas do governo brasileiro como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), políticas de cotas e novas ofertas de cursos de ensino superior a distância, vêm contribuindo para a ampliação de estudantes no ensino superior do Brasil (MCCOWAN, 2007; ZOGHBI, ROCHA, MATOS, 2013; BARROS, 2015; BEZERRA, NISKIER, BATOURINA, 2017; MEC, 2019). Esses incentivos por parte do governo para o acesso da população à formação superior, resultam em um notável aumento de profissionais com formação superior direcionados para o mercado de trabalho (PEREIRA et al., 2016).

Muitos estudantes buscam no ensino superior uma oportunidade de conquistar um espaço na carreira acadêmica e profissional (BARROS, 2015). Há uma tendência universal para que as jovens das novas gerações ampliem o seu tempo de vida estudantil, pois acredita-se que melhores oportunidades e melhores rendas são conquistadas por aqueles com melhores credenciais educacionais (SCHWARTZMAN, 2004). O aumento da demanda por ensino superior reflete a resposta do mercado de trabalho por profissionais mais qualificados e

também a exigência de que os candidatos a cargos públicos tenham ensino superior (ZOGHBI; ROCHA; MATOS, 2013).

De acordo com o último censo disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP e pelo Ministério da Educação - MEC, referente ao ano de 2017, no sistema de educação superior brasileiro as universidades representam pouco mais de 8% das IES, apesar dessa estatística parecer pequena, somam-se 199 universidades que atendem mais de 53% dos alunos (INEP; MEC, 2018). O Brasil é classificado como uma economia impulsionada pela eficiência, ou seja, posiciona-se em estágio de desenvolvimento, assim, as instituições de ensino superior são vistas como pilares estratégicos (FISCHER; SCHAEFFER; VONORTAS, 2019).

Com o intuito de fomentar o desenvolvimento econômico e social, a universidade, o mercado de trabalho e a sociedade necessitam almejar uma relação interativa, sendo constantemente aprimorada e verificada (PEREIRA et al., 2016). A quarta revolução industrial é uma fase capaz de exigir transformações no mercado de trabalho, criando novas oportunidades de emprego e ao mesmo tempo, o desemprego. Apesar de nenhuma classe ou setor estarem isentos dessas mudanças, é provável que o desemprego seja mais perceptível entre os menos qualificados e de nível educacional inferior (TENG et al., 2019).

Na nova abordagem, a universidade necessita ser mais pragmática, inovadora e atenta a estratégias que tragam o mercado de trabalho para a sala de aula (COJOCARIU; CÎRTIȚĂ-BUZOIANU; MAREȘ, 2019). Diante disso, as IES deparam-se com uma maior competitividade, necessitando ampliar

recursos, alunos, oferecer qualidade e novas modalidades de cursos (DE CAMPOS; HENRIQUES; YANAZE, 2017). Em um mercado de trabalho em constante mudança, os estabelecimentos de ensino tornam-se amplamente responsáveis na preparação de habilidades necessárias para que seus graduados adentrem na vida profissional (TENG et al., 2019).

As universidades brasileiras, embora em um nível relativamente baixo, vêm aumentando seu nível de interação com a indústria (FISCHER; SCHAEFFER; VONORTAS, 2019). Apesar dos constantes esforços realizados pelo Brasil para aprimorar a formação profissional da população, ainda há certa inadequação entre o sistema de ensino superior e o mercado de trabalho (PEREIRA et al., 2016). Conforme Pereira et al. (2016), a universidade acaba assumindo um perfil de consultoria, direcionando-se para a geração de conhecimento básico, e não necessariamente de pesquisa e desenvolvimento para as empresas.

Para Goergen (1998), a cooperação entre empresas e universidades é relevante e deve ser estimulada, contudo, deve-se atentar que esta é uma relação complexa que envolve riscos para a universidade. Em alguns casos, os produtos das pesquisas acadêmicas não são aceitos pelo setor produtivo, tendo em vista que, as organizações consideram custo e tempo. Muitas vezes importar a tecnologia pronta torna-se mais fácil do que produzi-la. Um dos papéis sociais desenvolvidos pela universidade, refere-se à prestação de serviços e cooperação com as empresas (GOERGEN, 1998). Nas universidades brasileiras, as atividades de ensino e pesquisa são paralelamente associadas aos trabalhos de extensão universitária, que tem como foco a sociedade (RIGHETTI, 2016). Dentre os

principais objetivos da universidade no Brasil estão a geração e transmissão do conhecimento, a pesquisa de qualidade, as atividades de extensão, bem como a propagação do caráter empreendedor e inovador, fortalecendo seu compromisso com a sociedade (PEREIRA et al., 2016).

Ranking Universitário Folha - RUF

Para mensurar a qualidade dos cursos de ensino superior ofertados pelas IES, o INEP e o MEC utilizam o Índice Geral de Cursos (IGC), que tem como base uma média dos conceitos de curso de graduação da instituição, ponderada a partir do número de matrículas, mais notas de pós-graduação de cada instituição de ensino superior (MEC, 2018). Contudo, medidas de avaliação de qualidade para universidades e cursos são verificadas também pelo setor privado, tais como rankings, índices e classificações, dentre estes destacam-se o Guia do Estudante e o Ranking Universitário Folha (CALDERÓN; DA SILVA LOURENÇO, 2017). Apesar do Guia do Estudante disponibilizar determinadas avaliações sobre o ensino superior no Brasil, ele não é considerado um ranking. O RUF, por sua vez, é considerado o primeiro ranking universitário brasileiro (RIGHETTI, 2016).

Os rankings possibilitam as instituições, incluindo as universidades, construir, manter ou melhorar seu desenvolvimento no cenário nacional e internacional (HAZELKORN, 2017). Neste estudo utilizou-se como fonte para as variáveis dependentes e independentes os indicadores disponíveis no Ranking Universitário Folha de 2017, pertencente ao jornal folha de S. Paulo. Este ranking passou a ser desenvolvido em 2012, desde então, todos os anos realiza-se uma avaliação referente ao ensino superior do Brasil. Dentre

os rankings disponibilizados, têm-se o de universidades e o de cursos (RUF, 2017b). Empregou-se nesta pesquisa, o ranking de universidades.

Para realizar a avaliação anual das universidades, o RUF utiliza fontes de dados nacionais e internacionais. As fontes são: bases do censo da educação superior INEP e MEC (2015), ENADE (2013, 2014 e 2015), SCIELO (2013 e 2014), Web of Science (2013, 2014 e 2015), INPI (2006 e 2014), CAPES, CNPQ e fundações estaduais de fomento à ciência, além de duas pesquisas nacionais realizadas pelo Datafolha (RUF, 2017b). O RUF 2017, engloba 195 universidades brasileiras, sendo estas públicas e privadas. Neste ranking são classificados 5 indicadores: o ensino, a pesquisa, a inovação, a internacionalização e o mercado de trabalho (RUF, 2017a). Estes indicadores serão evidenciados a seguir.

Indicadores que Compõem o RUF

O indicador de ensino identificado pelo RUF se refere a 32% do total da análise. Em estudo recente realizado com o objetivo de verificar a inclusão de alunos no mercado de trabalho, direcionando-se para aspectos de ensino, constatou-se que existem diferenças para áreas de formação. Para cursos de Engenharia, a qualidade do curso e os melhores conceitos do ENADE mostraram relação com as perspectivas salariais do mercado de trabalho, enquanto que para alunos dos cursos de Medicina, a qualidade de ensino do curso não evidenciou relação com a ocupação no mercado de trabalho e perspectivas salariais (MACIENTE et al., 2015). Quando o foco se refere aos próprios estudantes, dentre os principais fatores de escolha da universidade estão as perspectivas

futuras de trabalho e a qualidade de ensino (LE; ROBINSON; DOBELE, 2019).

Sendo a pesquisa um dos tripés das atividades desenvolvidas pelas universidades (RIGHIETI, 2016), o RUF agrega a pesquisa científica como seu indicador de maior peso, correspondendo a 42% do total de sua análise (RUF, 2017a). A pesquisa científica disponibilizada pelas universidades representa um papel importante tanto na elaboração de novos conhecimentos quanto na acessibilidade de seus alunos aos avanços contínuos do saber (MEIS; LETA, 1996).

No Brasil, a maior parte das pesquisas encontram-se nas universidades. Para que os objetivos da ciência e tecnologia sejam alcançados, busca-se estimular a liberdade e a criatividade dos pesquisadores atrelando-as com as necessidades da sociedade (SCHWRTZMAN, 1993). Neste contexto, surge a cooperação das universidades com as empresas, cuja intenção é desenvolver novos conhecimentos tecnológicos, ampliando então, os conhecimentos científicos e o desenvolvimento de novos produtos (SEGATTO-MENDES; ROCHA, 2005).

Para atingir os objetivos da ciência e da tecnologia, grupos de pesquisa universitários e institutos governamentais devem buscar vínculos com o setor produtivo, permitindo que as instituições possam manter seus melhores pesquisadores sem interrupção de trabalho por falta de financiamento. Possibilita-se assim, aumento do prestígio individual do pesquisador e a expansão de suas perspectivas profissionais (SCHWRTZMAN, 1993; SEGATTO-MENDES; ROCHA, 2005; SCHWARTZMAN, 2007).

Quando o país dispõe de uma base científica adequada é possível estruturar o

crescimento da inovação por meio da junção das universidades com as empresas (ZANCAN, 2000). Contudo, no Brasil, a maioria dos Cientistas e Engenheiros de Pesquisa não executam suas funções nas empresas. Assim, uma opção para estes profissionais é permanecer nas universidades com auxílio de bolsas de incentivos governamentais. Uma condução ideal para este problema seria inserir alunos nas indústrias conforme os segmentos de interesse das empresas (FERREIRA, 2002).

O indicador de inovação referenciado pelo RUF representa 4% do total da análise (RUF, 2017a). A relação entre o meio acadêmico e setores produtivos é identificada como estratégia na busca pela inovação. As universidades possuem potencial para a criação de novos produtos e processos presentes nos setores industriais. Nos EUA as universidades são consideradas essenciais ao desenvolvimento econômico e tecnológico do país (AMADEI; TORKOMIAN, 2009). No Brasil, a Lei da Inovação proporcionou a aproximação e cooperação entre pesquisa acadêmica e as empresas. Tendo em vista as mudanças na demanda de profissionais impostas pelo mercado de trabalho, as universidades precisarão adaptar-se para concepções de inovações e tecnologia (ARBIX; CONSONI, 2011).

O contato com a visão empreendedora e inovadora durante a formação dos alunos pode impulsionar os egressos das universidades para mudanças progressivas no perfil do empresário brasileiro. Da mesma forma, esse direcionamento para questões empreendedoras e inovadoras nas universidades pode contribuir para a geração de novos negócios, produtos e serviços baseados em novas tecnologias e maior valor agregado, resultando no fortalecimento da economia (PEREIRA et al., 2016).

Segundo Etzkowitz e Zhou (2017), identificar a fonte geradora do desenvolvimento socioeconômico com base no conhecimento é essencial para um projeto de inovação, aprimorando assim, as interações universidade-indústria-governo, ou também chamado, tríplice hélice. Trevisan e Silva (2010) reforçam que as relações entre estes três elementos podem ser um precioso componente para a inovação. Esta parceria tem gerado crescimento, o que legitima a pesquisa acadêmica junto à sociedade (DAGNINO, 2003).

A universidade é considerada um ponto central para os sistemas de inovação e tecnologia, isso ocorre devido a sua capacidade de criar e propagar o conhecimento, além do fato de serem responsáveis por uma parcela considerável das patentes brasileiras (FISCHER; SCHAEFFER; VONORTAS, 2019). As publicações acadêmicas e as patentes são vistas como elementos necessários para a inovação organizacional (FRANCO; SILVA; RODRIGUES, 2019). Para atingir de forma mais eficaz a demanda atual do mercado de trabalho, as universidades devem incentivar o espírito empreendedor criativo em seus futuros graduados (COJOCARIU; CÎRTIȚĂ-BUZOIANU; MAREȘ, 2019).

O indicador de internacionalização tratado no RUF representa 4% do total da análise (RUF, 2017a). A internacionalização de universidades no Brasil objetiva a interação com instituições internacionais, com o intuito de abranger o conhecimento científico (SILVA JR.; SPEARS, 2012). A universidade, enquanto produtora de conhecimento, percebe a internacionalização da pesquisa como uma institucionalização, apoiando inclusive a autonomia do pesquisador. A internacionalização é interligada aos processos de globalização, e

este fenômeno impõe desafios ao ensino superior, exigindo esforços dos estudantes para que estejam preparados profissionalmente para enfrentar as complexidades econômicas internacionais (MOROSINI, 2006).

Em um estudo recente sobre a situação do Brasil na perspectiva de internacionalização na área acadêmica, descobriu-se que a baixa proficiência em línguas estrangeiras é um empecilho ao desenvolvimento da internacionalização do ensino superior brasileiro (FINARDI; GUIMARÃES, 2017). Além disso, Teichler (1999) ressaltou que a mobilidade internacional é uma das características visíveis da internacionalização do ensino superior, sendo incluída nas reformas curriculares e em demais aspectos do ensino, inclusive no preparo para o mercado de trabalho internacional.

Dentre as motivações para incluir a internacionalização nas instituições acadêmicas, destaca-se a vantagem comercial e o aprimoramento do currículo por meio do conteúdo internacional, assim como a aquisição do conhecimento e da língua estrangeira (ALTBACH; KNIGHT, 2007). De acordo com Altbach e Knight (2007), diversos fatores influenciam a internacionalização nas universidades, como o mercado de trabalho internacional e o uso do inglês como língua padrão de comunicação.

O indicador de mercado representa 18% do total da análise gerada pelo RUF 2017. O indicador é mensurado por meio de uma consulta realizada pela Datafolha com 5.793 profissionais de Recursos Humanos que relatam sua opinião referente as suas preferências na hora da contratação de pessoas no mercado de trabalho (RUF, 2017a). Os indivíduos que estudam por mais

tempo ao longo da vida profissional tendem a receber salários mais altos, em contraponto aos que possuem menor escolaridade. Além disso, os indivíduos se sentem despreparados para entrar no mercado de trabalho quando a universidade não proporciona atividades práticas (GONDIM, 2002; CASTRO; EBOLI, 2013).

Machado e Casa Nova (2007) compararam os conhecimentos adquiridos por alunos dos cursos de Ciências Contábeis com o perfil profissional exigido pelo mercado de trabalho, constatando que, o mercado está cada vez mais exigente em relação aos conhecimentos específicos e que os alunos se sentem pouco seguros para atender o que as empresas esperam. Pedroso et al. (2005) ressaltaram em estudo realizado em Portugal, algumas ações dispostas para o incentivo ao acesso ao emprego e o mercado de trabalho, dentre estas, destacam-se a redução do abandono escolar e a intensificação do ensino superior como relevante para adentrar no mercado de trabalho.

Referente à qualidade de cursos de administração na percepção do aluno para o mercado de trabalho, os atributos de melhor desempenho destacados pelos alunos estão relacionados a reputação do curso e da instituição de ensino perante o mercado de trabalho (MAINARDES; DOMINGUES, 2011). A universidade contribui para as empresas, podendo auxiliar na competitividade organizacional principalmente por meio de capacitação de recursos humanos, capacidade de inovação tecnológica e pesquisa e desenvolvimento (GREGOLIN, 1998). Um dos objetivos dispostos pelas universidades é a preparação de profissionais que sejam capazes de evoluir o conhecimento científico e tecnológico para

a sociedade, utilizando estes atributos como fonte de evolução em diversas áreas do conhecimento (BERNI et al., 2015).

Mercado de Trabalho

Ter um diploma de curso superior, pode significar oportunidades diferentes, tanto de remuneração como de progresso profissional e social. Entretanto, essas oportunidades não dependem apenas de uma formação maior, mas também de fatores como gênero, etnia, classe social e rede de relações sociais (VARGAS, 2010). Todavia, em relação aos rendimentos pagos aos trabalhadores e o seu nível de escolaridade, quanto maior o nível de instrução maior é a renda. Mesmo diante de salários mais baixos, aqueles que possuem ensino superior, em média, recebem um valor maior do que aqueles oferecidos para os trabalhadores que tem baixa escolaridade (NERI, 2005).

Da Costa Lemos, Dubeux e Pinto (2009) relatam a importância da qualificação profissional, que passa a ser um requisito aos que buscam se inserir no mercado de trabalho. Entretanto, a oportunidade de colaboração entre universidades e empresas é evidenciada de forma limitada no Brasil (FRENKEN; HEIMERIKS; HOEKMAN, 2017). Segundo Jenschke (2002), o sistema educacional brasileiro raramente oferece suporte aos estudantes no desenvolvimento de carreira, comprometendo assim, a transição do graduado para o mercado de trabalho. Há poucas instituições de ensino superior que executam ações para buscar o desenvolvimento da carreira dos universitários (JENSCHKE, 2002).

Para Moreau e Leathwood (2006) existem limitações nas questões de empregabilidade e o papel que a universidade exerce na condução de seus estudantes para tais questões. Na perspectiva

do aluno, a formação universitária é insuficiente para que estejam prontos para atender a demanda do mercado (GONDIM, 2002). Conforme Teixeira (2002), os estudantes percebem a interação com a pesquisa como uma forma de aprendizado dos fundamentos de pesquisa científica e de ampliação de oportunidades de carreira, proporcionando um estreitamento entre o contato aluno/professor, o que pode facilitar a realização de pesquisas futuras e cria condições para seguir na carreira acadêmica. Contudo, o envolvimento exclusivo em atividades de pesquisa científica dificulta o contato com outras experiências ligadas ao mercado de trabalho, ocasionando distanciamento da realidade profissional aplicada (TEIXEIRA, 2002).

Para Correia, Baltazar e Holanda (2006) a inserção do jovem no mercado de trabalho ocorre de forma diferente conforme a condição socioeconômica da sua família. Para as classes de baixa renda, o percentual de jovens que participam da População Economicamente Ativa (PEA) é inferior ao registrado para os jovens pertencentes às famílias com maior poder aquisitivo. As dificuldades de entrada no mercado de trabalho marcadas pelo crescimento do desemprego são mais evidentes nos jovens com menor poder aquisitivo. Além da qualificação profissional, pode-se acrescentar o fato da idade do indivíduo influenciar suas chances de obter trabalho. Em outros termos, considera-se que a escolaridade e a idade exercem influência sobre o grau de empregabilidade (BALASSIANO; SEABRA; DE LEMOS, 2005).

Ao procurar funcionários as organizações optam por pessoas que serão eficazes diante de mudanças, ou seja, buscam profissionais inteligentes, que aprendem rápido, que sejam adaptáveis e flexíveis.

Esses critérios podem ser atendidos por aqueles que possuem um curso de ensino superior (HARVEY, 2005). Além de um diploma de ensino superior, os graduados necessitam desenvolver e apresentar as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho para conquistarem um emprego (MOREAU; LEATHWOOD, 2006).

Devido às inovações e constantes mudanças, o mercado de trabalho vem se transformando, exigindo que os profissionais desenvolvam de forma contínua suas competências e acompanhem essas mudanças (WRIGHT; SILVA; SPERS, 2010). Estudos anteriores identificaram que os empregadores esperam que seus futuros empregados tenham conhecimento teórico, disponibilidade e interesse para o desenvolvimento profissional e pessoal e estejam abertos para oportunidades de treinamento (COJOCARIU; CÎRTIȚĂ-BUZOIANU; MAREȘ, 2019).

MÉTODO

O estudo caracteriza-se como pesquisa descritiva por relatar conceitos estruturados e descrever aspectos de uma amostra de pesquisa (HAIR JR. et al., 2005). Tendo como base esta premissa, a pesquisa torna-se descritiva por ter como foco verificar possíveis influências advindas do ensino, pesquisa, inovação e internacionalização em relação ao mercado de trabalho, utilizando como amostra os dados disponibilizados pelo RUF.

Classifica-se o método como quantitativo, por analisar relações entre determinadas variáveis, possibilitando o uso de instrumentos específicos e testes estatísticos (CRESWELL, 2010). Para esta pesquisa, utiliza-se como método quantitativo a regressão linear múltipla para analisar influências.

Tratando-se do instrumento de coleta, o estudo classifica-se como documental, visto que, para realizar a pesquisa utilizou-se dados secundários disponíveis pelo relatório do Ranking Universitário Folha (RUF) referente ao ano de 2017, disponibilizado pelo site Folha de S. Paulo. Analisou-se 195 universidades brasileiras presentes no RUF.

No quadro 1, apresentam-se os indicadores e dimensões que descrevem as variáveis identificadas pelo RUF no ano de 2017, bem como a quantidade em porcentagem ocupada por cada indicador no resultado total do relatório. Optou-se por utilizar o relatório do ano de 2017 pelo fato de ser o relatório disponível mais recente e por contemplar todas as informações necessárias ao estudo. O RUF é um ranking realizado pelo setor privado, apresentando-se como um meio produtivo de estudo para os pesquisadores da área de Ciências Sociais (CALDERÓN; DA SILVA LOURENÇO, 2017).

Indicadores	Porcentagem total	Dimensão do indicador	Porcentagem individual
Pesquisa	42%	Total de publicações	7%
		Total de citações	7%
		Citações por publicação	4%
		Publicações por docente	7%
		Citações por docente	7%
		Publicações em revistas nacionais	3%
		Recursos recebidos por instituição	3%
		Bolsistas CNPQ	2%
		Teses	2%
Ensino	32%	Avaliadores do MEC	22%
		Professores com doutorado e mestrado	4%
		Professores em dedicação integral e parcial	4%
		Nota no ENADE	2%
Mercado	18%	Opinião de 5.793 profissionais de Recursos Humanos consultados em 2015, 2016 e 2017 sobre preferências de contratação.	18%
Internacionalização	4%	Citações internacionais por docente	2%
		Publicações em coautoria internacional	2%
Inovação	4%	Número de patentes solicitadas pela universidade entre 2006 à 2015	4%

Quadro 1 - Indicadores e dimensões do RUF

Fonte: elaborado pelos autores com base no *Ranking Universitário Folha* (2017)

Na dimensão total de publicações do indicador de pesquisa agrega-se o número total de artigos científicos publicados pela universidade entre 2013 e 2014, na base *Web of Science*. Para mensurar o total de citações, analisa-se o total de citações que os trabalhos da universidade receberam em 2015 referente aos trabalhos científicos realizados em 2013 e 2014 pela *Web of Science*. Nas citações por publicação, compreende-se o número médio de citações no ano de 2015 para cada artigo publicado em 2013 e 2014, conforme a *Web of Science* (RUF, 2017a).

As publicações por docente são mensuradas pela média de artigos científicos que cada professor publicou nos anos de 2013 e 2014, pela *Web of Science*, assim como as

citações por docente, em que se averigua o número de citações que cada professor recebeu em 2015. As publicações em revistas nacionais são medidas pelo número de artigos científicos publicados nas revistas brasileiras da base Scielo. Os recursos recebidos por instituição referem-se ao valor médio de recursos financeiros obtidos por docente, para as bolsas CNPq, considera-se também o percentual de professores considerados produtivos pelo CNPq. Por fim, para o indicador de pesquisa, a dimensão da tese é verificada pelo número de teses defendidas em 2015 pelo número de docentes (RUF, 2017a).

Referente às dimensões do indicador de ensino, no que se refere aos avaliadores do

MEC, são entrevistados 2.224 professores em todo o território nacional no período de 2015 a 2017, sobre a qualidade dos cursos superiores. Os professores com doutorado e mestrado são verificados pelo total de professores na instituição que possuem estas titulações, tendo como base o censo de 2015. Os professores com dedicação integral e parcial são verificados pelos profissionais que se dedicam em tempo integral ou parcial. Por fim, a dimensão nota ENADE considera a nota média da universidade de 2013 a 2015 (RUF, 2017a).

O indicador de internacionalização possui como dimensão as citações internacionais por docente, ou seja, a média das citações internacionais recebidas pelos trabalhos científicos dos professores da universidade, conforme a *Web of Science*. Na dimensão de publicações em coautoria internacional, verifica-se o percentual de publicações realizadas em parceria com pesquisadores estrangeiros comparando com a quantidade total de publicações da instituição (RUF, 2017a). Os indicadores de inovação e mercado, conforme disposto na quadro 1, possuem apenas uma dimensão que os caracterizam.

Dando-se sequência ao estudo, os dados foram organizados para análise de um modelo de regressão linear múltipla proposto por Marôco (2014):

$$\hat{Y} = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \varepsilon$$

Para analisar a influência das variáveis de ensino, pesquisa, inovação, e internacionalização em relação ao mercado, adotou-se o modelo abaixo:

$$Y = \beta_0 + \beta_1(ES) + \beta_2(PQ) + \beta_3(IV) + \beta_4(IN) + \varepsilon$$

Onde:

ES = Ensino

PQ = Pesquisa

IV = Inovação

IN = Internacionalização

Sendo assim, empregou-se como variáveis independentes neste estudo, o ensino, a pesquisa, a inovação e a internacionalização, a variável dependente é composta pelo mercado. O intuito de aplicar a regressão linear múltipla é a possibilidade de analisar e esclarecer a relação entre duas ou mais variáveis, que são apresentadas de forma linear (FÁVERO et al., 2009). Considerando-se este conceito, buscou-se, após a realização da análise da regressão linear múltipla, examinar quais variáveis independentes podem ter efeitos na variável dependente. A análise de regressão linear múltipla foi realizada por meio do software SPSS 22©. Na sequência apresenta-se a análise dos resultados deste estudo.

RESULTADOS

Visando identificar a possibilidade de utilizar a análise de regressão múltipla neste estudo, aplicou-se o teste ANOVA. No teste ANOVA os parâmetros de regressão em conjunto devem ser iguais a zero, classificando-se assim como uma relação estatisticamente significativa. Observa-se na tabela 1, que o modelo obteve ANOVA de 0,000, possibilitando seguir com a análise.

De acordo com Marôco (2014), o R^2 permite constatar qual a medida de dimensão das variáveis independentes sobre a variável dependente, sendo este um coeficiente representado como uma das estatísticas da qualidade de ajustamentos mais utilizadas na realização de pesquisas. Conforme Fávero et. al (2009), o R^2 pode variar entre 0 e 1 (0 a 100%). Desta forma, por meio do R^2 descrito na tabela 1, nota-se uma correlação de 37,8%

entre a variável dependente de mercado com as variáveis independentes, atestando um bom ajustamento do modelo aos dados. Com

base nos resultados, permite-se então identificar que as variáveis independentes explicam 37,8% da variável dependente.

Tabela 1 - Resultados regressão linear múltiplas variáveis RUF

Variáveis	B não padronizado	B padronizado	Sig
Constante	4,679		0,000
Ensino	0,351	0,556	0,000
Pesquisa	-0,360	-0,695	0,000
Inovação	1,870	0,396	0,002
Internacionalização	2,037	0,377	0,005
R	0,615		
R ²	0,378		
<i>Durbin-Watson</i>	1,890		
ANOVA	0,000		

Fonte: dados da Pesquisa

Com o intuito de avaliar o pressuposto de independência dos resíduos, realizou-se o teste de Durbin Watson. Este teste visa avaliar o grau de satisfação de determinada hipótese em relação à sua independência de erros ou resíduos (FIELD,

Conforme demonstra-se na tabela 1, o resultado do teste de Durbin Watson para o modelo de regressão, apresentou valor de 1,890, o que significa de acordo com Fávero et al. (2009), que não existe auto correlação serial entre os resíduos na amostra, visto que o resultado está próximo a 2.

Ao observar a tabela 1, têm-se a significância dos resultados gerados para cada variável independente, uma variável só pode ser considerável significativa se resultar em um valor menor que 0,05 (HAIR JR. et al., 2005). Desta forma, percebe-se que as quatro variáveis independentes se apresentaram significativas neste estudo, em relação ao mercado de trabalho.

DISCUSSÃO

A variável de ensino se mostrou com alto poder de influência sob o mercado de

2009). A estatística de Durbin Watson é definida pela medida:

$$DW = \frac{\sum(u_t - u_{t-1})^2}{\sum u_t^2}$$

trabalho. As exigências impostas pelo mercado de trabalho, tem aumentado a procura de indivíduos para ingressar no ensino superior, o principal objetivo é alcançar uma posição profissional. Quanto maior o nível educacional, maior a tendência de oportunidades no mercado de trabalho (ZOGHBI, ROCHA, MATTOS, 2013; BARROS, 2015; SCHWARTZMAN, 2004). Da mesma forma, os alunos consideram que a qualidade do ensino é essencial na hora de escolher qual universidade cursar (LE; ROBINSON; DOBELE, 2019).

Tratando-se de universidades e voltando-se às dimensões de ensino mencionadas pelo RUF, referentes aos professores com mestrado e doutorado e com dedicação integral ou parcial, conforme exposto por Neves (2002), existe a obrigatoriedade das universidades possuírem

um quadro de docentes mestres e doutores e que trabalhem em regime integral (pelo menos 1/3). Espera-se que em universidades com um quadro de docentes que possuam tais titulações, a qualidade do ensino seja refletida para os discentes na sua formação profissional.

Seguindo as dimensões de ensino propostas pelo RUF, os avaliadores do MEC e a nota do ENADE, podem ter relações para com o mercado de trabalho, isso se dá ao fato de que, o MEC é responsável por estratégias e políticas que aumentam a escolaridade e a qualidade do ensino, logo, acredita-se que universidades que possuem estas dimensões podem influenciar no desempenho e desenvolvimento de seus alunos para com o mercado de trabalho (DOURADO, 2005; VERHINE, DANTAS, SOARES, 2006).

Conforme achados de Mainardes e Domingues (2011), a reputação da instituição de ensino no mercado de trabalho é tida como um atributo de desempenho pelos alunos. A nota do ENADE e os avaliadores do MEC podem então, proporcionar para as universidades um posicionamento relevante dos alunos no mercado de trabalho. Contudo, conforme pesquisa realizada por Maciente et al. (2015), cada área de formação possui aspectos distintos na hora da contratação, em casos específicos, a qualidade de ensino e a nota do ENADE podem não intervir em perspectivas salariais no mercado de trabalho. Neste estudo, o ensino é englobado de forma ampla, sendo possível que algumas dimensões possuam mais ou menos relação com o mercado de trabalho.

A variável de pesquisa também resultou em significância na relação com mercado de trabalho, no entanto sua relação é inversa. Embora as universidades dediquem-se a realização de pesquisas, isto

não impacta em uma maior contratação dos acadêmicos. No Brasil, a maior parte das pesquisas científicas é fornecida pelas universidades e estas têm papel social e estratégico de gerar novas tecnologias e conhecimentos, por meio de pesquisa básica e aplicada (CHIARINI; VIEIRA, 2012; SCHWRTZMAN, 1993; GOERGEN, 1998).

Além disso, a maioria dos pesquisadores brasileiros não estão inseridos nas empresas, mas, limitam-se a auxílios de bolsas e incentivos de governo para prosseguirem com suas pesquisas. A falta de recursos para os grupos de pesquisa, como programas de financiamento, pode levar à interrupção do trabalho dos pesquisadores. Tais oscilações podem impedir a expansão destes profissionais no mercado de trabalho (FERREIRA, 2002; SCHWRTZMAN, 1993; SEGATTO-MENDES; ROCHA, 2005; SCHWARTZMAN, 2007).

Neste contexto, os resultados evidenciados sugerem que a pesquisa científica no Brasil se aloca mais efetivamente nas universidades. Os profissionais que visam a pesquisa científica não são influentes no mercado de trabalho em perspectivas de contratação pelos profissionais de Recursos Humanos, mas sim, para o desenvolvimento de novos conhecimentos tecnológicos, sendo possível apenas uma parceria ou contratação temporária para a pesquisa solicitada pela empresa.

Conforme proposto por Teixeira (2002), a pesquisa científica facilita o contato aluno - professor e favorece a permanência do discente na carreira acadêmica, contudo, a exclusividade na dedicação à pesquisa diminui a experiência com outras atividades no mercado de trabalho. Parece que a universidade possui um perfil de consultoria para as empresas (PEREIRA et al., 2016). É

válido ressaltar, como mencionado por Zancan (2000), que a união entre universidades e empresas ocorre quando existe uma base científica adequada, acarretando no crescimento da inovação.

A variável de inovação, neste estudo, foi significativa na influência para o mercado de trabalho. Este resultado pode estar associado ao estudo de Amadei e Torkomian (2009), de que as universidades possuem competência para desenvolver novos produtos e processos que são utilizados no setor industrial. Acredita-se então que, os alunos capacitados pelas universidades detenham o conhecimento que as organizações necessitam para ampliar sua capacidade de inovação, isso possivelmente explica porque a inovação gerada nas universidades pode chamar a atenção de um profissional de Recursos Humanos na hora da contratação.

Embora a dimensão agregada pelo RUF em relação à inovação seja o número de patentes pedidas pela universidade em 10 anos, o conceito de inovação pode estar também na consolidação de novos produtos no mercado (PIRES, QUINTELLA, 2014). Entende-se que, tanto a consolidação de um novo produto no mercado, quanto o pedido de patente advindos da universidade, proporcionam aos profissionais no mercado de trabalho um melhor entendimento de técnicas e conhecimento inovador. O aluno que tem proximidade em sua universidade com aspectos inovadores, poderá ter maior capacidade de auxiliar a empresa enquanto funcionário. Esta proposição relaciona-se ao estudo de Berni et al. (2015), de que a universidade prepara profissionais que consigam evoluir o conhecimento científico e tecnológico da sociedade.

Ainda dentro da variável de inovação, os resultados vão ao encontro dos estudos

que constataram que as universidades que usufruem de técnicas de empreendedorismo e inovação para com seus alunos, contribuem para o avanço da economia. Isso pode ocorrer por meio da geração de novas tecnologias (PEREIRA et al., 2016) e patentes (FISCHER, SCHAEFFER, VONORTAS, 2019; FRANCO, SILVA, RODRIGUES, 2019), sendo estes, fatores observados e considerados pelo mercado de trabalho na atualidade (COJOCARIU; CÎRTIȚĂ-BUZOIANU; MAREȘ, 2019).

A variável de internacionalização, por sua vez, resultou em significativa para o mercado de trabalho, no entanto, com menor significância em relação às demais variáveis. A internacionalização é vista como uma institucionalização para as universidades, pois consegue aproximar instituições internacionais, favorecendo assim, a expansão do conhecimento científico (MOROSINI, 2006; SILVA JR.; SPEARS, 2012). A internacionalização nas universidades tem como benefícios preparar os acadêmicos para complexidades internacionais bem como para poder atuar profissionalmente em outros países (TEICHLER, 1999; MOROSINI, 2006).

Embora o Brasil ainda possua problemas em relação à internacionalização do ensino superior, tais como a baixa proficiência na língua estrangeira (FINARDI; GUIMARÃES, 2017), as dimensões utilizadas pelo RUF focalizam apenas citações e publicações em coautoria internacional por docente. Desta forma, uma possível explicação da internacionalização ter resultado em significância menor quando comparado as demais variáveis do estudo, poderia ser justamente porque os indicadores do RUF voltam-se mais ao docente do que ao discente. Desse modo, entende-se que as preferências por internacionalização são

significantes na hora da contratação no mercado de trabalho, porém, sua influência seria maior se a amostra deste estudo utilizasse estudantes e não docentes.

Argumenta-se ainda que, em universidades com internacionalização, mesmo voltada apenas para publicações e citações, provavelmente os alunos terão maior contato com questões internacionais do que em universidades que não possuem a internacionalização como uma prática relevante. Isto poderia então, favorecer seu conhecimento em pesquisas internacionais, bem como a proficiência de línguas estrangeiras, beneficiando seu currículo no mercado de trabalho (ALTBACH; KNIGHT, 2007).

Os resultados aqui evidenciados apontam que o mercado de trabalho está recrutando, cada vez mais, indivíduos que possuam conhecimentos específicos e abrangentes, como é o caso da inovação e da internacionalização. Considera-se que as universidades são uma porta inicial para que os alunos tenham acesso ao mercado de trabalho, existindo assim, uma certa pressão para que se adaptem a tecnologia, a inovação e a internacionalização (PEDROSO et al., 2005; MACHADO, CASA NOVA, 2007; ALTBACH, KNIGHT, 2007; ARBIX, CONSONI, 2011; PEREIRA, 2016; FISCHER, SCHAEFFER, VONORTAS, 2019; FRANCO, SILVA, RODRIGUES, 2019).

Na outra vertente do mercado de trabalho, os alunos do ensino superior valorizam experiências práticas, como estágios que os preparem para a vida profissional (GONDIM, 2002; COJOCARIU, CÎRTIȚĂ-BUZOIANU, MAREȘ, 2019). Isto é atrelado ao raciocínio de que quanto maior a escolaridade, maiores as chances de sucesso

no mercado de trabalho (GONDIM, 2002; CASTRO, EBOLI, 2013).

Deve-se, no entanto, compreender que o nível de escolaridade é um dos fatores que influenciam o crescimento econômico e a acumulação de capital, porém, somente os níveis de escolaridade não são suficientes para elevar a geração de trabalho (POCHMANN, 2004). Interpreta-se nesta análise, que ensino, pesquisa, inovação e internacionalização, ofertados pelas universidades, possuem relação com preferências de contratação no mercado de trabalho, contudo, é provável que isso ocorra conforme a disponibilidade e a oferta de empregos vivenciada pelo mercado, não podendo ser as universidades as únicas a oportunizar melhores contratações aos seus estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como intuito analisar a influência do ensino, pesquisa, inovação e internacionalização em 195 universidades públicas e privadas do Brasil em relação às preferências do mercado de trabalho. De modo geral, os resultados apontam empiricamente que o ensino, a pesquisa, a inovação e a internacionalização possuem fortes relações com o mercado de trabalho. Sendo que, o ensino e a pesquisa possuem maior influência, seguidos pela inovação e a internacionalização. Notou-se ainda que, apesar da variável de pesquisa ser significativa, sua relação é negativa.

Este estudo permite não apenas a expansão da pesquisa existente no contexto contemporâneo de um mercado de trabalho disruptivo, mas proporciona dar continuidade a essas pesquisas analisando qual o papel da universidade na inclusão de seus alunos no mercado de trabalho.

Especificando assim, qual a importância da qualidade do ensino, da inclusão de práticas inovadoras e do sistema de internacionalização nas universidades diante de um mercado de trabalho que preza por um perfil profissional inovador e dinâmico. Ademais, constata-se que a pesquisa no Brasil ainda se concentra nas universidades, não sendo alvo principal na atuação dos profissionais para o mercado de trabalho.

Espera-se ter contribuído teoricamente para pesquisas que relacionem as universidades, seus alunos e o mercado de trabalho, com ênfase na colocação profissional e o papel das universidades. Referente às implicações empíricas, este estudo fornece insights para os gestores universitários frente aos elementos fundamentais para boa colocação profissional de seus alunos no mercado de trabalho. Em especial, os achados trazem a reflexão de que os egressos das universidades devem estar familiarizados durante seu percurso no ensino superior com questões que envolvam a inovação e a internacionalização.

Permite-se também, orientar os alunos na busca por universidades que possuam os elementos identificados como importantes para o mercado de trabalho. Outro ponto reflexivo observado no estudo trata-se da necessidade de ampliar a pesquisa para além do campo acadêmico, mas fortalecê-la como propulsora de novos caminhos científicos que podem ser úteis no mercado de trabalho, fortalecendo os laços entre a universidade e o mercado de trabalho.

Apesar das constatações citadas, o estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Por concentrar-se nas delimitações impostas pelo RUF 2017, alguns indicadores, tais como inovação,

foram conceituados apenas como patentes solicitadas pelas universidades. Contudo, é possível que haja outros pontos necessários para serem visualizados neste indicador. Além disso, o estudo voltou-se para as universidades e o mercado de trabalho, considerando opiniões de profissionais de Recursos Humanos no momento da contratação, tendo como foco a universidade que o aluno cursou sua graduação, e assim, posicionando as universidades em que há maior contratação. Porém, é provável que existam outras partes interessadas para verificar quais aspectos são relevantes na vida profissional do aluno. Evidencia-se ainda, que esses resultados podem variar conforme o grau de desenvolvimento do país investigado.

Desse modo, pesquisas futuras podem examinar grupos não apenas formados por profissionais de Recursos Humanos, mas expandir questões individuais dos próprios acadêmicos, como por exemplo, quais são suas necessidades e dificuldades diante do mercado de trabalho, após a conclusão do curso superior. Aconselha-se também, que sejam incluídos rankings internacionais relacionando-os ao mercado de trabalho, para possível comparação entre ensino, pesquisa, inovação e internacionalização no Brasil e em outros países. Seria interessante ainda, que pesquisas futuras busquem compreender as relações existentes entre as inovações geradas na universidade e sua aplicabilidade nas organizações, incluindo outros fatores além da geração de patentes.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007.
- AMADEI, J. R. P.; TORKOMIAN, A. L. V. As patentes nas universidades: análise dos depósitos das universidades públicas paulistas. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 2, p. 9-18, 2009.
- ARBIX, G.; CONSONI, F. Inovar para transformar a universidade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, p. 205-224, 2011.
- BALASSIANO, M., SEABRA, A. A.; DE LEMOS, A. A. Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a teoria do capital humano? **Revista de Administração Contemporânea**, 9(4), 31-52, 2005.
- BERNI, J. C. A.; GOMES, C.M.; PERLIN, A. P.; KNEIPP, J.M.; FRIZZO, K. Interação universidade-empresa para a inovação e a transferência de tecnologia. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, v. 8, p. 258, 2015.
- BARROS, A. da S. X. Expansão da educação superior no Brasil: Limites e possibilidades. **Educ. Soc., Campinas**, v. 36, n. 131, p. 361-390, 2015.
- BEZERRA, J. J.; NISKIER, C.; BATOURINA, L. Private Higher Education in Brazil: Fueling Economic Growth. **International Higher Education**, n. 90, p. 24-26, 2017.
- CALDERÓN, A. I.; DA SILVA LOURENÇO, H. Rankings na educação superior Brasileira: Uma aproximação aos rankings públicos e privados. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**, v. 2, n. 3, 2017.
- CASTRO, C. de M.; EBOLI, M. Universidade Corporativa: gênese e questões críticas rumo à maturidade. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 4, p. 408-414, 2013.
- CHIARINI, T.; VIEIRA, K. P. Universidades como produtoras de conhecimento para o desenvolvimento econômico: sistema superior de ensino e as políticas de CT&I. **Revista Brasileira de Economia**, v. 66, n. 1, p. 117-132, 2012.
- COJOCARIU, V.; CÎRTIȚĂ-BUZOIANU, C.; MAREȘ, G. Opportunities and Difficulties in Conducting Internships in Higher Education from the Employers' Perspective. **Postmodern Openings/Deschideri Postmoderne**, v. 10, n. 2, 2019.
- CORREIA, B. R. de B.; BALTAZAR, C. C.; HOLANDA, S. A. Evolução histórica da organização do trabalho e sua influência sobre o emprego dos jovens no Brasil. XXVI ENEGEP, Fortaleza: 2006. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEPEP2006_TR550371_7501.pdf. Acesso em: 12 ago. 2018.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2010.
- DA COSTA LEMOS, A. H.; DUBEUX, V. J. C.; PINTO, M. C. S. Educação, empregabilidade e mobilidade social: convergências e divergências. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 7, n. 2, artigo 8, Rio de Janeiro, p. 368-384, 2009.
- DAGNINO, R. A relação universidade-empresa no Brasil e o "argumento da hélice tripla". **Revista Brasileira de Inovação**, v. 2, n. 2, p. 267-307, 2003.
- DE CAMPOS, S. R. M.; HENRIQUES, R.; YANAZE, M. H. Higher education in Brazil: an exploratory study based on supply and demand conditions. **Universal Access in the Information Society**, p. 1-23, 2017.

- DOURADO, L. F. *Elaboração de Políticas e Estratégias para a Prevenção do Fracasso Escolar. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Infantil e Fundamental, Brasília*, 2005.
- ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. *Estudos Avançados*, v. 31, n. 90, p. 23-48, 2017.
- FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P.; DA SILVA, F. L.; CHAN, B. L. **Análise de dados: modelagem multivariada para a tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Campus, 2009.
- FERREIRA, V. F. Universidade e inovação tecnológica. *Química Nova*, v. 25, p. 179-179, 2002.
- FIELD, A. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FINARDI, K.; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, rankings e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017.
- FISCHER, B. B.; SCHAEFFER, P. R.; VONORTAS, N. S. Evolution of university-industry collaboration in Brazil from a technology upgrading perspective. *Technological Forecasting and Social Change*, v. 145, p. 330-340, 2019.
- FRANCO, M.; SILVA, R.; RODRIGUES, M. Partnerships between higher education institutions and firms: The role of students' curricular internships. *Industry and Higher Education*, v. 33, n. 3, p. 172-185, 2019.
- FRENKEN, K.; HEIMERIKS, G. J.; HOEKMAN, J. What drives university research performance? An analysis using the CWTS Leiden Ranking data. *Journal of Informetrics*, 11(3), 859-872, 2017.
- GOERGEN, P. Ciência, sociedade e universidade. *Educação & Sociedade*, v. 19, p. 53-79, 1998.
- GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 7, p. 299-309, 2002.
- GREGOLIN, J. A. R. **É possível aumentar a contribuição social da universidade via interação com empresas**. Interação Universidade Empresa. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia IBICT, IEL, Brasília-DF, 1998.
- HAIR JR., J. F.; BABIN, B.; SAMOUEL, P.; MONEY, A. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HARVEY, L. Embedding and integrating employability. *New Directions for Institutional Research*, 2005 (128), 13-28.
- HAZELKORN, E. Rankings and higher education: Reframing relationships within and between states. *Centre for Global Higher Education*, v. 19, 2017.
- INEP. MEC. **Censo da educação superior 2017**. Divulgação dos principais resultados. Brasília: Diretoria de Estatísticas Educacionais - Deed, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- JENSCHKE, B. Educação profissional em escolas em uma perspectiva internacional. In: **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentos para a clínica, escola e a empresa** (pp. 23-31). LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LE, T. D.; ROBINSON, L. J.; DOBELE, A. R. Understanding high school students use of choice factors and word-of-mouth information sources in university selection. *Studies in Higher Education*, p. 1-11, 2019.
- MACHADO, V. S. de A.; CASA NOVA, S. P. de C. Análise comparativa entre os conhecimentos desenvolvidos no curso de graduação em contabilidade e o perfil do contador exigido pelo
Revista Perspectivas Contemporâneas, v. 14, n. 3, p. 86-107, set./dez. 2019.
<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas>

mercado de trabalho: uma pesquisa de campo sobre educação contábil. **REPeC - Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, v. 2, n. 4, p. 1-28, 2007.

MACIENTE, A. N.; NASCIMENTO, P. A. M. M.; SERVO, L. M. S.; VIEIRA, R. da S.; SILVA, C. A. **A inserção de recém-graduados em engenharias, medicina e licenciaturas no mercado de trabalho formal**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2015.

MCCOWAN, T. Expansion without equity: An analysis of current policy on access to higher education in Brazil. **Higher education**, v. 53, n. 5, p. 579-598, 2007.

MAINARDES, E. W.; DOMINGUES, M. J. C. de S. Avaliação da qualidade de atributos específicos de instituições de ensino superior em cursos privados de administração em Joinville, SC. **Organizações & Sociedade**, v. 18, p. 429-444, 2011.

MARÔCO, J. **Análise estatística com o SPSS statistics**. 6. ed. Pêro Pinheiro: ReportNumber, 2014.

MEIS, L. E.; LETA, J. **O perfil da ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. IGC. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/igc/apresentacao>. Acesso em: 18 ago. 2018.

_____. **Ações e Programas**. 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/acoes-e-programas>. Acesso em: 01 ago. 2019.

MOREAU, M.; LEATHWOOD, C. Graduates' employment and the discourse of employability: a critical analysis. **Journal of Education and Work**, 19(4), 305-324, 2006.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar em Revista**, p. 107-124, 2006.

NERI, M. C. **Retornos da Educação no Mercado de Trabalho**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2005.

NEVES, C. E. B. A estrutura e o funcionamento do ensino superior no Brasil. In: **A educação superior no Brasil**. SOARES, M. S. A. S. et al. (ORGs). Porto Alegre: IESALC, UNESCO, CARACAS, 2002, p. 43-106.

PEDROSO, P. (coord.) et al. **Acesso ao Emprego e Mercado de Trabalho**. Formulação de Políticas Públicas no Horizonte de 2013. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2005.

PEREIRA, G. M. C.; CASTRO, F. N.; LANZA, L. N. M.; LANZA, D. C. F. Panorama de oportunidades para os egressos do ensino superior no Brasil: o papel da inovação na criação de novos mercados de trabalho. Overview of opportunities for graduates of higher education in Brazil: the role of innovation in the creation of new job markets. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 24, n. 90, p. 179-198, 2016.

PIRES, E. A.; QUINTELLA, C. M. Análise da Produção Científica e Tecnológica da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Cadernos de Prospecção**, v. 7, n. 1, p. 51, 2014.

POCHMANN, M. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 383-399, 2004.

_____. **Políticas de Ajuste Econômico e Desemprego no Brasil Metropolitano nos Últimos 35 Anos**. In: Mercado de trabalho: qualificação, emprego e políticas sociais.

MACAMBIRA, J.; ARAÚJO, T. P.; LIMA, R. A. (Orgs.). Fortaleza: IDT, 2016, p. 11-26.

- RIGHETTI, S. **Qual é a melhor? Origem, indicadores, limitações e impactos dos rankings universitários**. 2016. 230 f. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- RUF. **Como é feito o Ranking de Universidades**. 2017a. Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2017/o-ruf/ranking-universidades/>. Acesso em: 31 jul. 2018.
- _____. **O que é o RUF**. 2017b. Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2017/o-ruf/>. Acesso em: 31 jul. 2018.
- _____. **Ranking de universidades**. 2017c. Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2017/ranking-de-universidades/>. Acesso em: 31 jul. 2018.
- SCHWARTZMAN, S. (Coord.). **Ciência e tecnologia no Brasil: uma nova política para um mundo global**. São Paulo: [s.n.], 1993. 59 p.
- _____. Equity, quality and relevance in higher education in Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 76, n. 1, p. 173–188, 2004.
- _____. **A revolução silenciosa do ensino superior**. p. xiv,165, 1 ago. 2007.
- SEGATTO-MENDES, A. P.; ROCHA, K. C. Contribuições da teoria de agência ao estudo dos processos de cooperação tecnológica universidade-empresa. **Revista de Administração-RAUSP**, v. 40, n. 2, 2005.
- SILVA JR., J. R.; SPEARS, E. Globalização e a mudança do papel da universidade federal brasileira: uma perspectiva da economia política. **Revista Histedbr on-line**, v. 12, n. 47, p. 3–23, 2012.
- TEICHLER, U. Research on the Relationships between Higher Education and the World of Work: Past Achievements, Problems and New Challenges. **Higher Education**, v. 38, n. 2, p. 169–190, 1999.
- TEIXEIRA, M. A. P. **A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem**, 2002. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- TENG, W.; MA, C.; PAHLEVANSHARIF, S.; TURNER, J.J. Graduate readiness for the employment market of the 4th industrial revolution: The development of soft employability skills. **Education + Training**, 2019.
- TREVISAN, M.; SILVA, T. N. Programa primeira empresa inovadora: Uma possibilidade de operacionalização da hélice tríplice no Brasil. **Anais do Simpósio da Gestão da Inovação Tecnológica**, v. 26, 2010.
- VARGAS, M. L. F. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. Avaliação: **Revista Da Avaliação Da Educação Superior**, 16(1), 2010.
- VERHINE, R. E.; DANTAS, L. M. V.; SOARES, J. F. Do Provão ao ENADE: uma análise comparativa dos exames nacionais utilizados no Ensino Superior Brasileiro. **Avaliação de Política Pública Educacional**, v. 14, n. 52, p. 291-310, 2006.
- WRIGHT, J. T. C.; SILVA, A. T. B.; SPERS, R. G. O mercado de trabalho no futuro: uma discussão sobre profissões inovadoras, empreendedorismo e tendências para 2020. **RAI-Revista de Administração e Inovação**, 7(3), 174–197, 2010.
- ZANCAN, G. T. Educação científica: uma prioridade nacional. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, p. 3–7, 2000.

NOTA 1

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

NOTA 2

(1) Mestranda em Administração pela Universidade Regional de Blumenau/FURB. Especialista em Gestão de Pessoas e Educação a Distância: Gestão e Tutoria pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci/UNIASSELVI. Graduada em Administração pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci/UNIASSELVI. Bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração na Universidade Regional de Blumenau/FURB, Blumenau-SC.

(2) Mestranda em Administração pela Universidade Regional de Blumenau/FURB. Especialista em Gestão Estratégia Empresarial pelo Instituto Catarinense de Pós-Graduação/ICPG. Graduada em Processo Gerenciais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci/UNIASSELVI. Professora do Centro Universitário Leonardo da Vinci/ UNIASSELVI, Indaial-SC.

(3) Mestranda em Administração pela Universidade Regional de Blumenau/FURB. Especialista em Terapia Intensiva pela Faculdade São Camilo. Graduada em Enfermagem pela Universidade do Vale do Itajaí. Gestora da Terapia Intensiva de Adulto e Agência Transfusional do Hospital Santa Catarina de Blumenau, Blumenau - SC.

(4) Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e graduada em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora e pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Administração e Ciências Contábeis da Universidade Regional de Blumenau/FURB, Blumenau - SC.

Enviado: 11/04/2019

Aceito: 11/10/2019